

ALMA ENRODILHADA, ALMA RENDILHADA

POR ARRIETE VILELA

Na infância, eu gostava de observar a avó fazendo renda na almofada de bilros. Ela parecia alhear-se de tudo o mais: concentrava-se unicamente no prazeroso trabalho de transformar a linha em delicada renda. Os meus olhos de menina miúda não conseguiam acompanhar o movimento ligeiro e preciso das mãos da avó. E aquilo me fascinava. Os "cachimbos sem furo", trançados de modo amoroso e eficiente, pareciam pequenos operários cantantes. Sim, cantantes. Iam batendo uns nos outros, animados, e,

à fresca da tarde, no oitão da casa, com as pitangueiras cheinhas de folhas novas, aquele som era alegre e ritmado como uma canção.

Aliás, tudo me fascinava quando eu via a avó – que em moça teve corpo de leves requebros e doce sensualidade – fazer renda com bilros. Um dia eu falei: "Avó, quando eu crescer, também quero fazer renda, mas não é de linha, não, é de papel". A avó, naturalmente, estranhou e me mandou pegar da tabuada e estudar números.

Não escolhi números pa-

ra a minha vida. Escolhi a poesia. E quando escrevo, alheio-me, à maneira da avó, de tudo o mais. Concentro-me unicamente no prazeroso (e difícil) trabalho de transformar minha alma enrodilhada numa alma rendilhada.

A avó, sem querer, inscreveu-se em mim como o primeiro ponto da renda que, sei, ela continuaria com a delicadeza das almas silenciosamente sofredoras. Mas a vida, com suas rasteiras imprevisíveis, tem tentado fazer de mim uma alma enrodilhada, emaranhada em si-

lêncios ressentidos e em escolhas afetivas equivocadas.

A literatura – renda em papel – é a minha trincheira de resistência. A vida me dói? Escrevo. A paixão amorosa me privilegia e me desassossega? Escrevo. A morte mostra a cara quando leva algum amigo? Escrevo. Alguém me atraiçoa, negando-me a inteireza do afeto? Escrevo. A minha alma amanece com a sensação de desamparo, sabendo-se sem um colo acolhedor? Escrevo.

E, ao escrever, teço-me de renda. Sou linha e sou bil-

ro e sou almofada recheada com a folha da bananeira. Sou neta maravilhada diante de uma avó no oitão da casa, à fresca da tarde, espionando as folhinhas novas da pitangueira, mas sou, também, avó seduzida pelos risos infantis que, hoje, enchem a minha casa e o meu coração.

Escrevo, escrevo, escrevo. Apaixonadamente. Com a alegria e com as contradições de uma alma que nasceu poética, que sofreu muitos reveses e que insiste em não ser enrodilhada, mas rendilhada...

BIOGRAFIA

Arriete Vilela nasceu em Marechal Deodoro, Alagoas. Aos 9 anos, mudou-se para Maceió e estudou no Colégio de São José; graduou-se em Letras, na Universidade Federal de Alagoas e fez Mestrado em Literatura na Universidade Federal da Paraíba, defendendo, com louvor, a dissertação A revista NOVIDADE: contribuição para o estudo do Modernismo em Alagoas. Pertence à Academia Alagoana de Letras.

A partir de 1980, publicou livros de contos (Farpa; Maria Flor etc; Tardios Afetos; Grande Baú, a Infância), editados em Contos Reunidos (2011), e de poemas (A Rede do Anjo; Vadios Afetos; O Ócio dos Anjos Ignorados; Frêmitos; A Palavra sem Âncora; Ávidas Paixões, Áridos Amores), reunidos em um único volume: Obra Poética Reunida (2011). Em 2012, publicou Luas para o Amor não Naufragar (poemas) e Alzirinha (infanto-juvenil), em 2015, Teço-me (poemas) e Abraços (poemas).

A autora já recebeu mais de 30 prêmios, dentre eles onze nacionais, concedidos pela União Brasileira de Escritores/UBE/Rio e recebidos na Academia Brasileira

de Letras.

Fantasia e avesso, uma prosa poética pontuada pelo discurso erótico-amoroso e pela paixão ao fazer literário, atualmente na 5ª edição, foi adotado no vestibular da UFAL por 3 anos e proporcionou à autora vários prêmios, inclusive nacionais.

Grande baú, a infância é considerado outro grande sucesso de Arriete Vilela e está na 5ª edição (Edufal, 2015); em março de 2007, foi lançado, pela Edufal, em linguagem braille.

Em 2002, a biblioteca setorial do programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Ufal passou a chamar-se Biblioteca Escritora Arriete Vilela, por iniciativa da profa. dra. Belmira Magalhães.

Em 2005, foi editado o primeiro romance de Arriete Vilela, Lãs ao vento, que recebeu o Prêmio Lúcia Aizim, da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro e o Prêmio Internacional de Literatura, da Academia Feminina Mineira de Letras.

Em 2005, recebeu a Comenda Nise da Silveira, concedida pelo Governo do Estado, em reconhecimento à sua atuação na cultura alagoana.

Em 2007, a Construtora

Colil lançou o Condomínio Praça dos Poetas, que conta com três prédios residenciais: Edifício Jorge de Lima, Edifício Arriete Vilela e Edifício Lêdo Ivo.

Em 2011, Arriete Vilela teve cinco poemas traduzidos para o espanhol e publicados na Antologia de poetas brasileiros actuais (edição bilíngue), pela Paralelo Sur Ediciones, Barcelona, Espanha.

O livro Maria Flor etc. foi adaptado pela PANAM Filmes, produtora alagoana, e exibido em 3 de outubro de 2012 com o título "Farpa".

Em 2013, foi instituído o I Concurso de Contos Arriete Vilela, pela Faculdade de Letras e o Programa de Educação Tutorial do Curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas (Pet/Letras).

Sobre sua obra, que é reconhecida e estudada nos meios acadêmicos, há inúmeros artigos de professores universitários, críticos literários e escritores, tanto de Alagoas como de outros Estados.

Aposentada da Ufal, Arriete Vilela divide-se entre os Cursos de Leitura e Escrita Criativa, que ministra sistematicamente, e as palestras em escolas e faculdades para as quais é convidada com bastante frequência.

Arriete aos 10 anos

